



CONFERÊNCIA: “DIÁLOGO INTERCULTURAL: BALANÇO E PERSPECTIVAS NO ÂMBITO DE UMA FUTURA POLÍTICA COMUM DE IMIGRAÇÃO”

PAINEL: “EUROPA COMO ACTOR GLOBAL – DIÁLOGO INTERCULTURAL E REFORÇO DA COOPERAÇÃO EXTERNA PARA A CONCRETIZAÇÃO DE OBJECTIVOS COMUNS”

A Fundação Anna Lindh, o futuro e as questões de mobilidade e imigração

14 Novembro 2008

Francisco Motta Veiga
Coordenador Executivo
Rede Portuguesa da Fundação Anna Lindh

Temas

- Breve apresentação da Fundação Euro-Mediterrânica Anna Lindh (FAL) e da sua Rede Portuguesa, das linhas do novo Programa para o triénio 2009–2011, perspectivando o contributo da FAL como elemento central do diálogo intercultural na Região Euro-Mediterrânica e dinamizador da Cooperação Externa no âmbito da Política de Vizinhança da UE,
- Uma atenção especial às questões da mobilidade como pano de fundo da actuação da FAL.

Visionamento do vídeo criado para a “Noite do Diálogo”, com intervenções do Presidente da Fundação Anna Lindh, André Azoulay e do Alto Representante para a Aliança das Civilizações, Jorge Sampaio. [± 3 minutos]

O video foi produzido para a Campanha “1001 Acções para o Diálogo” que a FAL lançou em 2008 no âmbito do Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Decorreu nos 37 países que integram a Fundação e envolveu mais de 1000 organizações da sociedade civil com iniciativas que foram de Marrocos e Portugal ao Líbano e à Turquia, da Letónia e Polónia à Grécia e ao Egipto.

Nesta campanha se integrou a “Noite do Diálogo”, a 22 de Maio, em que simultaneamente nos 37 países houve iniciativas para afirmarem a uma só voz **a importância do Diálogo Intercultural, contra os extremismos e todas as formas de discriminação.**

Foi a essa iniciativa que se associou também a Aliança das Civilizações através de uma mensagem do Alto Comissário, Presidente Jorge Sampaio.

Fundação Anna Lindh

A Fundação Anna Lindh iniciou as suas actividades em 2005 depois de um longo processo de negociações, como resposta do Partenariado EuroMed à preocupação **de pouco ou nada se ter avançado nas áreas social, cultural e humana** do Processo de Barcelona, lançado em 1995.

Nas áreas das parcerias política e de segurança foi havendo iniciativas e algum progresso, nas área das parcerias económica e financeira houve projectos e um assinalável progresso, mas no 3º Capítulo, que aborda as questões sociais, culturais e humanas muito pouco foi feito, deixando-se a descoberto uma **dimensão nevrálgica da cooperação e da convivência** com consequências graves que todos conhecemos.

Muito por **impulso da Comissão Europeia** e do Presidente de então Romano Prodi, que convidou um “Grupo de Sábios” – gente quer da margem Norte quer da margem Sul do Mediterrâneo – a produzir um Relatório que foi decisivo para a criação da Fundação;

Mas também com o **envolvimento dos governos** da UE e de 10 parceiros do Sul do Mediterrâneo, a FAL foi criada com sede em Alexandria, no Egipto e com Redes Nacionais em cada um dos países.

A Fundação Anna Lindh é, no fundo, uma Rede de Redes. A sua grande **originalidade** e **força** vêm precisamente destas Redes Nacionais envolvendo organizações da sociedade civil, ongs, associações, fundações, universidades, as mais diversas organizações trabalhando em áreas tão diversas como património, religião, investigação, direitos humanos, democracia e desenvolvimento comunitário, artes performativas, artes visuais, áreas artísticas transdisciplinares, juventude, educação, questões de género, ambiente e desenvolvimento sustentável, comunicação social, etc.

E a estratégia da Fundação Anna Lindh é a de **envolver** todos estes actores que estão no terreno, que têm a sua própria dinâmica, objectivos, cumplicidades etc. e desempenhar o papel de **facilitadora** do seu trabalho, **potenciando a sua contribuição** para o objectivo comum de nos conhecermos melhor, de convivermos, de compreendermos e aceitarmos o outro na sua admirável diversidade e de **todos**, contribuirmos para o nosso futuro comum.

Até agora, mais de 1800 organizações aderiram às 37 Redes Nacionais e algum trabalho importante tem vindo a ser feito. Houve cerca de 80 projectos desenvolvidos em 2006 e 2007 nos mais diversos domínios, envolvendo todos eles organizações das duas margens do Mediterrâneo.

Também a Rede Portuguesa se foi estruturando e dinamizando, e hoje contamos com 23 membros de Norte a Sul, em áreas muito diversas e de dimensões também diferentes, desde pequenas associações a estruturas como o Campo Arqueológico de Mértola, o Centro Nacional de Cultura ou a Universidade do Algarve.

E, apesar da relativa fragilidade da Rede, algum dinamismo se notou, por exemplo, na apresentação de onze candidaturas à campanha “1001 Acções para o Diálogo”, sete das quais foram aprovadas.

E permitam-me que toque aqui numa questão um pouco lateral ao tema de hoje mas **essencial para o futuro**: a forma como Portugal está presente – diria, aliás, ainda muito pouco presente – no Mediterrâneo, **contrasta com o enorme potencial que temos**, o capital de simpatia e acolhimento que a nossa intervenção suscita, numa região onde não temos o peso do passado colonial recente.

Precisamos de uma presença mais profunda, continuada e eficaz nos palcos mediterrânicos, de uma **Plataforma que congregue e potencie**, com benefícios para todas as partes, todas as dinâmicas isoladas que já existem e aquelas que coordenadamente podemos desenvolver.

Uma Plataforma para o Mediterrâneo.

Voltando à FAL no seu conjunto,

2008 foi, além do ano da já referida Campanha “1001 Acções para o Diálogo”, o ano em que se recentraram e se afinaram estratégias depois da experiência acumulada neste primeiro triénio.

Não podemos deixar de referir que no culminar destes intensos anos de trabalho, foi possível a todos os actores em presença – governamentais e não governamentais – identificarem não só os aspectos **positivos** [hoje sabemos muito melhor o que temos a fazer] mas também alguns estrangulamentos, a começar pelo **enorme desfasamento entre a grandeza da missão da FAL e a exiguidade dos meios que lhe são atribuídos**.

O seu financiamento vem 50% da própria CE e 50% das contribuições voluntárias (e por isso mesmo bastante diferentes) dos países membros.

A FAL passou a fazer parte de todos os discursos, mais ou menos oficiais, centrados no diálogo das culturas e nos problemas do Mediterrâneo. Mas esta grande ambição política, **que a União para o Mediterrâneo vem agora reforçar**, ainda não teve a resposta adequada por parte dos estados traduzida num **compromisso financeiro, durável e consistente**.

Uma compromisso básico para que quem está no terreno possa trabalhar com horizontes alargados que são a **condição essencial** de resultados, também eles, duráveis e consistentes.

Esta visão é, aliás, muito bem reflectida no Relatório do “Grupo dos Sábios” quando sublinham que “o diálogo não é feito de palavras vagas e encantos. Exige contactos, deslocações, encontros, projectos, animação e redes, todo o tipo de acções quotidianas e persistentes que têm custos.”

E tornam claro que as necessidades financeiras da Fundação têm que ser assumidas em correspondência com os desafios colocados:

“Nada menos do que a Paz. Não a paz dos tímidos e dos fracos, não a paz do medo e da fuga, a paz da indiferença e da ignorância, mas a paz dos fortes e dos bravos, a da coragem e da convicção, da curiosidade e do conhecimento.”

Novo Programa – pontos essenciais

Até final deste ano a FAL irá aprovar um novo Programa para o triénio 2009–2011:

- reafirmando a sua centralidade política e institucional no **Processo de Barcelona – União para o Mediterrâneo**, e assumindo como principal contribuição para esta nova fase do Partenariado Euro–Mediterrânico a de tentar preencher “o fosso cultural e humano que existe entre a Europa e os países do Sul do Mediterrâneo”.
- Por outras palavras, o objectivo global da FAL é **promover o diálogo intercultural** e o **respeito pela diversidade**, propondo-se aproximar os povos da região para um melhor entendimento comum. Um objectivo a que vão obedecer todas as suas acções.
- São alvos prioritários da sua acção os **jovens**, as **mulheres** e os **migrantes**. E, como pano de fundo, irá reforçar a sua atenção e a sua pressão no que toca à questão da **mobilidade** – a temática que queremos pôr em relevo no contexto desta Conferência.

- Os projectos e acções a desenvolver irão privilegiar as que são **sustentáveis no tempo** e com um **efeito multiplicador**, em coerência com os *desafios sociais* e as *responsabilidades políticas* que resultam do papel da Fundação enquanto **instrumento central da União para o Mediterrâneo** e do Partenariado Euro-Mediterrânico, cuja visibilidade pretende assumir.
- Em simultâneo com a acção no terreno a FAL pretende pôr em funcionamento nestes próximos anos um **Observatório das Tendências Interculturais na Região Euro-Mediterrânica** que se espera venha a ser um instrumento muito útil de conhecimento aprofundado da realidade e da sua evolução.

O essencial

- Mas o essencial da sua acção vai depender da capacidade de iniciativa dos seus membros, do seu empenho em pôr de pé projectos que respondam aos já referidos objectivos de **promover o diálogo intercultural** e o **respeito pela diversidade**.

Nisso, todos estamos empenhados na Fundação Anna Lindh e a dinâmica já criada faz antever que os próximos anos podem marcar uma grande mobilização e resultados assinaláveis.

Com plena consciência, como ficou dito, de que este só pode ser um trabalho de tempos longos, de conquistas duradouras e sólidas.

O que implica também a audácia de afrontar os temas difíceis, as questões controversas, confrontar ideias, valores, perspectivas e sentimentos.

Como refere Régis Debray num texto recente: **“falar, sem agredir, de tudo aquilo que nos agride.”**

Imigração e Mobilidade

São as pessoas que dialogam

Como julgamos ter ficado claro, a FAL existe para afirmar e disseminar um conjunto de princípios e valores, fazendo-o através de projectos e acções concretas que envolvem estruturas do Norte e do Sul do Mediterrâneo e que têm como destinatários principais, as populações, as pessoas que vivem na região euro-mediterrânica, com especial atenção aos jovens, às mulheres e aos migrantes.

Aquilo que fazemos e queremos fazer de forma continuada e persistente, a que sinteticamente se pode chamar Diálogo entre Culturas é, no fundo, tentar mudar comportamentos, mudar formas pensar, percepções, sentimentos, capacidade de entendimento.

No entanto, como afirmava alguém num dos debates em que estivemos envolvidos, **não são as culturas, as civilizações ou mesmo as organizações que dialogam: são as pessoas que dialogam**, são as pessoas concretas, de carne e osso, olhos nos olhos, mãos nas mãos, envolvendo-se em conjunto, que dão sentido à palavra diálogo.

Voltamos aqui a referir o texto inspirador da génese da FAL, onde se refere que

“os lugares de encontro devem permanecer lugares no sentido físico do termo, lugares onde se podem exprimir todas as facetas do diálogo, onde a troca não é abstracta e se enriquece pelo contacto, lugares onde as pessoas se podem falar, observar, tocar, escutar e ouvir o tom da voz, a musicalidade da palavra, entrever a côr da cara, a emoção do olhar, o gesto da mão, sentir os cheiros, os perfumes, serem tocadas por formas de falar que dizem muito sobre si e sobre o outro, poderem aprender o diálogo das culturas através do diálogo dos sentidos.”

O diálogo torna-se eficiente, tem um efeito de escala mais que proporcional se multiplicarmos estes lugares de encontro e de troca.

Essa é uma das missões da Fundação Anna Lindh e entre as mais de 1800 organizações que a integram há uma grande capacidade para criar e potenciar esses lugares de encontro. São organizações que, cada uma à sua maneira, no seu território de eleição, com o sua identidade cultural, podem disseminar o diálogo, a compreensão, o conhecimento mútuo, enfim, podem pôr em prática os princípios que de forma tão veemente são invocados por governos e decisores políticos.

Mas é preciso podermos atravessar a rua, podermos atravessar o Mar, podermos meter-nos ao caminho que nos leva ao Outro.

Um estrangulamento importante: mobilidade

Quando pensamos, por isso, nos projectos e acções que a Fundação Anna Lindh desenvolve, a questão da **mobilidade** e dos **obstáculos existentes para a circulação** das pessoas entre as duas margens do Mediterrâneo, ganha um grande relevo.

Neste âmbito há um trabalho de fundo a ser realizado que passa, entre outros aspectos, por:

- reforço dos fundos para financiamento da mobilidade;
- simplificação de procedimentos relativos a visas;
- alargamento de visas de entradas múltiplas;
- mecanismos de agilização associados às acções desenvolvidas no âmbito da FAL;
- inserção da mobilidade em todos os programas de formação de jovens

(fica no ar a pergunta: se o Programa Erasmus e a circulação de estudantes é considerado essencial ao seu crescimento interior e à formação multifacetada dos jovens europeus, não será a mobilidade dos jovens do Sul do Mediterrâneo acrescidamente importante?)

A mobilidade é também condição essencial da circulação de obras e nomeadamente das obras artísticas, das ideias, das formas de pensar e fazer, que não existe sem a circulação das pessoas.

Neste particular importa salientar a importância que a **criação artística**, que **os autores e criadores contemporâneos** têm no entrosamento de culturas, na criação de empatias, de compreensão, de proximidades.

Um concerto, um festival, um espectáculo, uma exposição, têm uma enorme **capacidade de comunicação e aproximação** e são evidentemente acções que interessam ao diálogo intercultural.

Mas o trabalho **mais profundo e continuado** de ateliers com artistas de diferentes países, o trabalho feito entre actores na montagem de textos provenientes das diferentes tradições culturais, um workshop com encenadores ou coreógrafos onde as suas concepções se confrontam, tem um poder de penetração nos diferentes tecidos sociais, com efeito multiplicador e uma provável sustentabilidade que merecem ser sublinhados.

É importante salientar aqui a criação contemporânea também por outra razão: o Mediterrâneo traz quase sempre consigo **um enorme peso da História e do nosso do património comum**. Uma história e um património exemplares no que toca à convivência, ao respeito pelas outras culturas, a formas de vida e sustentabilidade que nos devem **continuar a inspirar e guiar**.

Contudo, para falarmos com os jovens de hoje, para entendermos as culturas de hoje, há também que abrir olhos, ouvidos, sentidos e razão para o que está a ser feito hoje, para a fantástica **pujança da produção contemporânea** na região euro-mediterrânica.

E, como ficou dito, é preciso podermos atravessar a rua, podermos atravessar o Mar, podermos meter-nos ao caminho que nos leva ao Outro.

O outro aqui ao lado

Gostava de terminar regressando um pouco a este lado da rua.

Em praticamente todos os países da região euro-mediterrânica e muito particularmente nos europeus, temos sociedades plurais, crescentemente multiculturais sobretudo desde que a circulação de ideias e pessoas (no caso europeu) se tornou norma e não excepção.

A internet, as televisões por cabo, os contactos pelas mais diversas formas vieram acelerar a circulação e o confronto, generalizando espaços de apreensão das diferentes realidades antes reservadas a elites políticas, religiosas, culturais. As supostas verdades ciosamente guardadas e impostas estão mesmo ameaçadas e os seus controladores vão perder a batalha.

Tudo isso – circulação real e virtual e migrações – está a transformar de forma decisiva as nossas sociedades. E a criar também novos desafios: **o Outro já não está longe**. É o nosso vizinho, são os novos lisboetas ou os novos portugueses, são parte de um **novo “Nós” plural e rico, em mutação**.

A Fundação Anna Lindh tem aqui também uma função importante ao contribuir em cada país para uma **compreensão dessa mutação, das admiráveis oportunidades que traz consigo**. E para a integração plena dessas novas realidades culturais no mosaico cultural contemporâneo, sem que isso implique a destruição do património cultural que cada comunidade traz consigo, antes utilizando-o como forma de afirmação e reconhecimento e fazendo com que se sintam portugueses de pleno direito e simultaneamente vivendo plenamente a sua identidade cultural.

Urgência

Tudo isto é urgente. Uma urgência que existe hoje e não termina amanhã.

Uma urgência que ilumina o esforço quotidiano, mas que pressupõe a paciência e a persistência, sem as quais se torna fogo de vista, improvisação, curta duração.

O diálogo é urgente e implica tempo. Um tempo que não é lido da mesma forma dos dois lados do Mediterrâneo, nem dentro das nossas sociedades multiculturais. Mas, para todos, é um tempo de agir.

Com a audácia de **“falar, sem agredir, de tudo aquilo que nos agride”**.